



RelevO

05/17

n.9 a.7 PR

Assine a Enclave, nossa newsletter,  
acessando <[jornalrelevo.tumblr.com](http://jornalrelevo.tumblr.com)>

## Editorial

Ainda antes da abertura dos portões do cemitério, alguém já acende uma nova vela para a Missa de Sétimo Dia do jornal impresso. Nos últimos dez anos, ao menos oito grandes esfinges do jornalismo impresso morreram, da Gazeta Mercantil ao Jornal do Brasil. No ínterim, muitos jornalistas foram demitidos, estão desempregados ou sobrevivendo como freelancers. Postos de trabalho fecharam definitivamente, sempre em nome da crise patronal. Papel virou clique. Cadernos culturais desfaleceram, onerosos.

O mundo muda, as profissões mudam e a redação tradicional parece destinada a ser o museu do futuro, onde crianças, acompanhadas dos professores, serão informadas sobre estranhas práticas em espaço restrito. O cenário realmente não é animador. Os dados do IVC apontam para uma queda progressiva da base de assinantes das principais revistas em circulação do País. Mesmo quem muda ainda está longe da calma. Os anunciantes estão evadindo-se para novas experiências de contato com seus consumidores. A base de produção, sem receita, corta custos para a máquina não emperrar. As ferramentas digitais não cobrem a receita do antigo modelo. A conta não fecha.

E onde está o **RelevO** neste processo? Somos um jornal de papel, logo sentimos os efeitos da crise econômica, do aumento de custos operacionais – dos Correios ao combustível –, da instabilidade de ser contemporâneo em um segmento revirado e de nossa

própria infraestrutura, modesta. Ainda assim, a cada mês aumentamos um pouco a nossa base de assinantes e não sentimos intensamente a fuga de anunciantes, até porque são poucos e fiéis a um certo propósito, construído no derredor de quase sete anos de circulação ininterrupta. Podia ser pior, mas confortável não é.

Para não fecharmos as portas, montamos um jornal sem fins lucrativos. O que isso significa? Exatamente: ninguém na estrutura ganha dinheiro com o jornal. (Prestamos contas públicas de nossos ganhos e gastos.) Naturalmente, não é o ideal. Não ganhamos dinheiro (não custa ressaltar) porque nunca batemos na porta do poder público. Não ganhamos dinheiro porque não vendemos espaço editorial para empresas que acreditam que conteúdo e publicidade são o mesmo saco. Fechamos alguns meses no prejuízo porque não damos assinaturas para agentes culturais que se travestem de interesse público com o real intuito de inocular ações de marketing. Em suma, somos um case pronto de fracasso para os novos tempos.

O que, portanto, será de nós se o cemitério já tem uma lápide com o nosso nome e nos convoca para o descanso em paz? Acreditamos que o impresso ainda significará algo para determinados grupos, sejam eles pequenos, sejam eles à margem, sejam eles seis pessoas que bebem juntas no bar. Trata-se de encontrar um público cativo. Um jornal de literatura de papel ainda é importante no processo de disseminação de um conjunto de ideias

e de trabalhos. Representa, ao seu modo, um recorte temporal, nem melhor ou pior do que qualquer outro, apenas mais um – aquele que escolhemos. Não precisamos anular outras plataformas para construir o nosso circuito.

Assistir a morte anunciada de grandes conglomerados de comunicação é quase excitante. Contudo, logo um novo rei assume o lugar e, se duvidar, com a mesma música, só mudando o timbre. Agora, quando morrem iniciativas culturais fora da curva, a próxima iniciativa precisará sair dos escombros para se erigir.

Portanto, não se trata de apelo, nem de defesa extrema de causa própria. Se você gosta de cultura, pense com mais carinho nos jornais impressos de setor, aqueles que você acha legal. O Brasil está cheio de periódicos muito bons e que movimentam ao seu modo determinados circuitos. Assine, divulgue, colabore, sugira. Se somos impessoais com a morte dos jornalões, não custa ser menos duros com projetos de identidade mais clara. Até custa, mas não muito.

Uma boa leitura a todos.

## Apoiadores

Alexandre Guarnieri (Rio de Janeiro)  
Assis Furtado (Araraquara)  
Ben-Hur Demeneck (Ponta Grossa)  
Demétrios Galvão (Teresina)  
Joseani Netto (Santos Dumont)  
Lisa Alves (Brasília)  
Severo Brudzinski (Curitiba)  
Silvio Demétrio (Londrina)  
Wesley Souza (São Bernardo do Campo)

## Quem

**Editor** Daniel Zanella  
**Editor-assistente** Mateus Ribeirete  
**Ombudsman** Gutemberg Medeiros  
**Revisão** Mateus Senna  
**Projeto Gráfico** Marcell Mengarda  
**Logística** Thaís Alessandra Tavares  
**Redes Sociais** Felipe Gollnick  
**Advogado responsável:** Bruno Meirinho  
OAB/PR 48.641  
**Impressão** Gráfica Exceuni  
**Tiragem** 3.500

Edição finalizada em 02/05/17

## Quanto

**Assinantes** R\$ 300 Rejane Machado; R\$ 100 Joseani Ribas; R\$ 50 Janete Garcia; Flávio Jacobsen; Demétrios Galvão; Robert Magni; Alisson Coelho; Carla Montanino; Lis del Barco; Renata Garrafoni; Magno Van Erven; Xênia Mello; Antonio Sodré; Bruna De Conto; Solange Viaro; Ricardo Escudeiro; Marcos Francheschi; Severo Brudzinski; Nadini Moraes; Giovanni Guerreiro; Ivan Gambus; Regina Portela; Mauri König; Letícia Palmeira; Poliana Guimarães; Wanderson Mosco; Anthony Portes; Edson Valente; R\$ 25 Lui Laskowicz (total: R\$ 1.725)

**Anunciantes** R\$ 100 Penalux; R\$ 50 Avon; Ehlkefarma; Loterias Avenida; Fisk; Estação Brasil; Marcelo Lima; Joaquim Livraria (total: R\$ 450)

**Gráfica** R\$ 1.150  
**Distribuição** R\$ 250  
**Assinantes** R\$ 600  
**Papelaria** R\$ 100

**Custos totais** R\$ 2.100  
**Receita total** R\$ 2.175

**Balanço de abr. 2017** R\$ 75

# maio de dois mil e dezessete

ISSN 2525-2704

fundado em set./2010

enquanto a canção  
“Like a G6” trilhava  
seu caminho rumo ao  
top 10 da Billboard

## Quem mais

A capa e as ilustrações internas dessa edição são de autoria de Rafael Pereira da Silva Zeni.

## Erratas

O texto de Mateus Senna, da edição do mês anterior, não devia ser publicado por motivo de atrito da redação com o ~autor~, que é apenas o nosso revisor, mas trafica textos para dentro do periódico de forma indiscriminada e com linguagem imprópria. Desculpem-nos.

## Assine

Cinquentão por ano só.  
Jornalzinho em casa todo mês.  
Apoiando o periódico independente.  
Assina aí, vai, nunca te pedimos nada.

## Publique

Para publicar no jornal mais cardinal do Brasil, basta nos escrever por aqui: contato@jornalrelevo.com. O editor recebe o texto em (e de) qualquer gênero, acende um charuto cubano emprestado, lê em voz alta enquanto ouve uma opereta de temas trágicos e retorna ao escritor e escritora em todas as situações, conforme o Estatuto RelevO de boa convivência com o meio literário.

## Cartas do Leitor

RELEVO IN THA HOUSE

**Giovanni Guerreiro** HAHHAHAHA  
HAHHAHAHHA ERNANI O  
INFLUENCIADOR

**Alexis Peixoto** Cheio de coisa boa pra ler no feriado.

**Rejane Machado** Recebi com muita alegria um jornal “de verdade”. Não para forrar a casa do coelho, mas para ler, porque tem uma pá de coisas boas nele, só de dar uma olhada ligeira. Vou degustá-lo com farinha (não, não gosto de farinha, é modo de falar), vou degustá-lo com mel de abelhas. Como sempre, aquele carinho na feitura do filhote: isto é que é pai, o resto é conversa!

**Bolívar Escobar** Status: sentado no paralelepípedo lendo o **RelevO**.

**João Henrique Balbinot Furtado** Não abri nem o de março ainda D:

*Da redação: Protesto!*

**Marcos Felipe Monteiro** Que capa sensacional do Caio Beltrão.

**José Arildo Vieira** Não vi meu nome na prestação de contas do jornal.

*Da redação: Saiu na edição de março, José Arildo. Obrigado por ser nosso assinante.*

**Wesley Silva Ferreira** Esperando o meu **RelevO** chegar. Como moro longe, sempre demora.

*Da redação: Belém continua linda!*

**Guto Souza** O **RelevO** é necessário para nossa comunidade, e um editor-consciente-mas-sonhador é necessário para o **RelevO**. Vida longa aos dois!

**Felipe Gollnick** Gosto muito dos casos como os que um médico decreta que tal pessoa terá, no máximo, mais um mês de vida; mas que, tal pessoa, como que ignorando o decreto, segue vivendo tranquila e compreensiva com a morte que está por vir, mas que não vem por outros 40 anos. Fora isso, no começo do mês estive no Inspirarte, em Campo Largo, e os exemplares do **RelevO** que haviam por lá acabaram em pouquíssimas horas (digo isso para adicionar um ingrediente a mais nesse pensamento otimista/sonhador/consciente).

**Afonso De Castro Gonçalves** Viva o jornal embornal impresso! Viva vocês do **RelevO**. Sou assinante do tal e qual, literatura sem igual. Viva a resistência dos bravos!

**Simone Mello** Amamos o **RelevO**, queremos vida longa a ele, que ele inclusive ultrapasse a nossa.

**Neurivan Sousa** Um tremendo poema do Carvalho Junior na edição de abril, este poetaço amigo que não para de surpreender em linguagem e versos de expressividade arrebatadora.

**Antonio Sodré** Não conhecia o **RelevO**. Tratei logo de fazer minha assinatura. A edição digital está muito boa.

**Demétrios Galvão** galera pirando no **RelevO**. conexão Teresina <-----> Curitiba.

## Onde

ARARAQUARA – ARAUCÁRIA  
BRASÍLIA – CAMPO LARGO  
CASTRO – CONTENDA  
CURITIBA – FLORIANÓPOLIS  
ITAJAÍ – JOINVILLE  
JUIZ DE FORA – LONDRINA  
PALMEIRA – PONTA GROSSA  
PORTO ALEGRE – RIO DE JANEIRO  
SÃO BERNARDO – SÃO CARLOS  
SÃO LUÍS – SÃO PAULO  
TEIXEIRA SOARES – TERESINA

**Londrina:** UEL / UNOPAR

**Ponta Grossa:** UEPG – Jornalismo e Letras / Biblioteca Municipal / Bar Romanóv / Frederikos Cervejas & Cervejas / Boteking / Caffee Maria's

**Porto Alegre:** Livraria Traça

**Rio de Janeiro:** Arlequim / Letra Viva Filial / Livraria Berinjela / Livraria e Edições Folha Seca / Livraria Instante do Leitor

**São Carlos:** UFSCAR

**Teixeira Soares:** Biblioteca Municipal Cidadã de Teixeira Soares / Departamento de Cultura, Turismo e Patrimônio Histórico / Escola Municipal Madre Rosa Rosato

**Teresina:** Casa da Cultura / Biblioteca Cromowel de Carvalho / Café da Gota Serena / Espaço Artístico e Galeria Sobrado / Espaço Galpão

---

## Moya Cannon (trad. Luci Collin)

Moya Cannon (nascida em 1956 em Donegal, Irlanda) já lançou cinco coletâneas de poesia: *Oar* (1990); *The Parchment Boat* (1997); *Carrying the Songs* (2007); *Hands* (2011) e *Keats Lives* (2015). A qualidade de sua obra vem sendo reconhecida não apenas na Irlanda, mas também internacionalmente. Seus poemas tematizam a relação entre música e literatura, o mundo natural, a interrelação entre os seres e os flagrantes poéticos do cotidiano.

### Viola d'Amore

Sometimes love does die,  
but sometimes, a stream on porous rock,  
it slips down into the inner dark of a hill,  
joins with other hidden streams  
to travel blind as the white fish that live in it.  
It forsakes one underground streambed  
for the cave that runs under it.  
Unseen, it informs the hill,  
and, like the hidden strings of the viola d'amore,  
makes the hill reverberate,  
so that people who wander there  
wonder why the hill sings,  
wonder why they find wells.

(de *The Parchment Boat*, 1997)

### Viola d'Amore

Às vezes o amor morre mesmo,  
mas às vezes, córrego na rocha porosa,  
desce em direção ao escuro interior de uma colina,  
junta-se a outros fluxos ocultos  
e viaja cego como os peixes brancos que nele vivem.  
Abandona o leito de um córrego subterrâneo  
pela caverna que corre debaixo dele.  
Secreto, instrui a colina,  
e, como as cordas ocultas da viola d'amore,  
a faz reverberar,  
de modo que as pessoas que por ali passeiam  
perguntem-se por que a colina canta,  
perguntem-se por que encontram poços.

### Song in Windsor, Ontario

Ice whispers  
as it crushes against  
steelbound, staggering timbers  
in the Detroit river.

Great plates of ice from the lakes  
catch on the banks,  
turn under the March sun,  
crumple each other  
to show  
how mountain ranges are made.

And on the wooden pylons,  
a small bird  
is back with the seed of music,  
two notes,  
the interval of desire  
registered on the stirring cities.

(de *The Parchment Boat*, 1997)

### Canção em Windsor, Ontário

O gelo sussurra  
enquanto se arrebenta contra  
feixes de aço e madeiras cambaleantes  
no rio Detroit.

Grandes placas de gelo dos lagos  
prendem-se nas margens,  
viram-se sob o sol de março,  
amassam-se umas às outras  
para mostrar  
como as cordilheiras são feitas.

E nos postes de madeira,  
um passarinho  
volta com a semente da música,  
duas notas,  
o intervalo do desejo  
registrado nas cidades turbulentas.

## Between the Jigs and the Reels

Between a jig and a reel  
what is there?  
Only one beat  
escaped from a ribcage.

Tunes are migratory  
and fly from heart to heart  
intimating  
that there's a pattern  
to life's pulls and draws.

Because what matters to us most  
can seldom be told in words  
the heart's moods are better charted  
in its own language –

the rhythm of Cooley's accordion  
which could open the heart of a stone,  
John Doherty's dark reels  
and the tune that the sea taught him,  
the high parts of the road and the underworlds  
which only music and love can brave  
to bring us back to our senses  
and on beyond.

(de *The Parchment Boat*, 1997)

## Entre gigas e escocesas

Entre uma giga e uma escocesa  
o que há?  
Apenas uma batida  
escapou de uma caixa torácica.

As melodias são migratórias  
e voam de coração a coração  
indicando  
que há um padrão  
para o puxa e empurra da vida.

Porque o que mais importa a nós  
mal pode ser dito em palavras  
os ânimos do coração são melhor traçados  
em sua própria linguagem –

o ritmo do acordeom de Cooley  
que poderia abrir o coração de uma pedra,  
as misteriosas danças escocesas de John Doherty  
e a melodia que o mar lhe ensinou,  
as partes altas da estrada e as profundezas  
que só a música e o amor podem enfrentar  
para nos trazer de volta aos nossos sentidos  
e mais além.

# Boris Schnaiderman, jornalista

## Ombudsman • Gutemberg Medeiros

Algumas editoras lembram o centenário da Revolução Russa com lançamentos de obras literárias e de cunho histórico. Mas há outro centenário a lembrar em relação à cultura russa no Brasil, o de nascimento de Boris Schnaiderman, em 17 de maio de 1917. Nascido em Úman, mas criado na cidade portuária de Odessa, dedicou 74 anos à tradução e divulgação da literatura e cultura russas no Brasil.

A lista de autores que Boris trouxe até nós é extensa. Como Isaac Bábel, Aleksander Blok, Ivan Bunin, Fiódor Dostoiévski, Ilia Ehrenburg, Máximo Górkí, Daniil Kharms, Vladimir Maiakóvski, Ossip Mandelstam, Iuri Oliecha, Leon Tolstói, Anton Tchékhev, entre tantos outros. Além de serem expoentes da rica tradição da literatura em língua russa, foram traduzidos por este que é uma das mais originais personalidades da cultura brasileira.

O que pouco se fala sobre Boris é a sua trajetória de jornalista cultural. São mais de 300 artigos publicados na imprensa desde 1956. Ele inicia no antigo suplemento literário de *O Estado de São Paulo* editado por Décio de Almeida Prado e Antonio Cândido. Foi-lhe oferecido espaço intitulado “Letras Russas”, em paralelo à coluna “Letras Germânicas” de seu amigo e um dos principais críticos de teatro, o berlinense Anatol Rosenfeld.

Formou gerações de leitores, não exclusivamente sobre literatura russa. O seu ensaísmo chega ao tom de diálogo dos mais abertos. Por vezes, vislumbra aspectos da sua memória, desde que relevantes para o fluxo de entendimento. Ele lembra que logo depois que assumiu a coluna

no *Estadão*, fez confidência a Décio. Sentia-se muito mal como comunista em colaborar em um dos principais jornais da direita. O editor sorriu e pediu para olhar para a redação. Assim como em toda a grande imprensa, a maioria dos jornalistas era de esquerda. Logo, tinham de sobreviver de uma forma ou de outra naquele ofício e buscar espaços para veicular algo na contracorrente do jornal.

Em termos de jornalismo cultural, Boris é um exemplo dos mais bem acabados da transição que ocorreu desde os anos de 1950. Como historiografou Russel Jacoby, professor da Universidade da Califórnia, em *Os últimos intelectuais* (Edusp, 1990), o intelectual que pensava questões emergentes da sociedade na crítica literária ou ensaio sociológico falava ao público o mais amplo possível a partir do jornal diário. Gradativamente, esse segmento migrou para as universidades e fala para determinado leitor iniciado em sua área de pesquisa.

Ele fez a transição para a universidade, ao fundar o Curso de Russo, na USP, em 1960, contribuindo de forma decisiva para a profissionalização da atividade de tradutor no Brasil. Manteve a qualidade de colaborar com jornais e revistas, mesmo com periodicidade variável, mantendo um texto dos mais inclusivos para todo o perfil de leitor, bastasse ser interessado em literatura e cultura russas. Este não foi o primeiro curso do gênero do país de terceiro grau, mas foi o único que sobreviveu à ditadura civil-militar instaurada em 1964. Sob o comando de Boris e com o apoio de colegas e alunos – entre eles

Antonio Cândido, Paulo Emilio Salles Gomes, Sérgio Buarque de Holanda e Florestan Fernandes – manteve essa trincheira livre de pensamento e prática cotidianas.

Para o leitor ter noção da rica produção jornalística de Boris, há duas coletâneas de textos. A primeira, em catálogo pela Editora Perspectiva intitulada *Projeções Rússia/Brasil/Itália* (1978), traz textos publicados em jornais e revistas das décadas de 1960 e 1970. Um dos destaques é a revelação de que o poeta Alexander Púchkin foi tradutor para o russo de uma lira do árcade Tomás Antonio Gonzaga a partir de uma edição francesa.

Já *Turbilhão e semente: ensaios sobre Dostoiévski e Bakhtin* (1983, esgotado) é um todo coeso de textos jornalísticos publicados, entre outros, no “Caderno de Sábado”, suplemento semanal de cultura do extinto *Jornal da Tarde* (do mesmo grupo do Estadão). Livro pioneiro onde se descortina o gradativo descobrimento do pensador russo Mikhail Bakhtin – hoje presente em pesquisas muito além dos campos da linguística e literatura –, cujo introdutor no Brasil foi o próprio Boris. Mais uma vez, em cada texto ele introduz o leitor não especializado ao universo de reflexões de Bakhtin, revelando a sua riqueza e pertinência.

Na construção de uma memória coletiva, igualmente função do bom jornalismo, uma das obras em que Boris melhor soube abordar importantes passagens de sua vida está em seu volume de ensaios *Tradução: ato desmedido* (Perspectiva, 2011), onde narra como se deu o envolvimento com a língua russa em situações diferentes ao de tradutor.

Como todos, nem sempre tem dimensão exata do que viveu. Isso se torna evidente quando narra os meses em que foi “secretário” do correspondente da Agência Telegráfica da URSS (Tass), Iúri Kalúguin, entre 1945 e 1947.

Ao ler a descrição, como jornalista, não pude concordar que Boris fosse apenas secretário e fui eliminar essa dúvida. Ele manteve a versão reiteradamente. Então, pedi para descrever seu cotidiano. Boris chegava à casa do russo e lia jornais, revistas e escolhia as notícias que poderiam interessar aos leitores da Tass. Feita essa triagem, lia em russo o que estava em português para Kalúguin. O jornalista escrevia a matéria e Boris revisava os dados. Eventualmente, o “secretário” somava ao texto aspectos que estivessem em pressuposição ao leitor brasileiro, mas não ao russo. Após a definição de quais sugestões de Boris seriam aceitas, providenciava-se o texto final ainda com uma última leitura deste. Expliquei a Boris que ele exerceu funções específicas de um jornalista: pré-pauta, pauta, redação, pré-edição e edição. Ele me olhou espantado e reconheceu o seu engano.

Boris partiu no ano passado, aos 99 anos. Mas o seu acervo está aí e pode gerar várias coletâneas de seus textos jornalísticos, a exemplo do que ocorre há anos com a produção de Anatol Rosenfeld. Enquanto isso, as suas traduções estão em catálogo pela Editora 34, que há pouco relançou *O processo do tenente Ieláguin* de Ivan Bunin e promete relançar a prosa *Inveja*, de Iuri Oliesha, uma das principais da literatura russa e publicada originalmente em 1927.

# sarau da paulista

POETAS OCUPAM A PAULISTA/  
/ESQUINA COM A PEIXOTO GOMIDE

MICROFONE ABERTO A TODAS AS ARTES  
ÚLTIMO DOMINGO DO MÊS

QUINZE HORAS

SARAUDAPAULISTA@GMAIL.COM

# FISK

CENTRO DE ENSINO

3642-3690

3031-7040

R. JOÃO PESSOA, 35 - ARAUCÁRIA/PR

(41) 3552-5895 (41) 3552-1542



EDITORA INSIGHT - LIVROS ARTESANAIS  
(41) 9555-5850 @INSIGHTBIOGRAFIAS



*o domingo passou  
o sol e a lua  
em nossa pele nua*

**Rita Maria Kalinovski, poeta.**

Conheça mais o trabalho da autora e adquira seus livros no Paço Municipal de Curitiba e na Livrarias Curitiba.

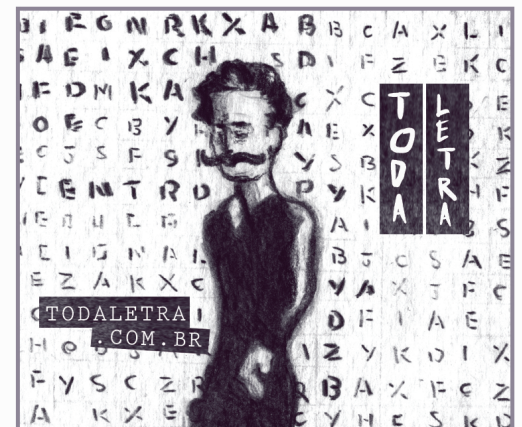


ITALIANO INTENSIVO EQUIVALENTE A 1 SEMESTRE INICIANTE

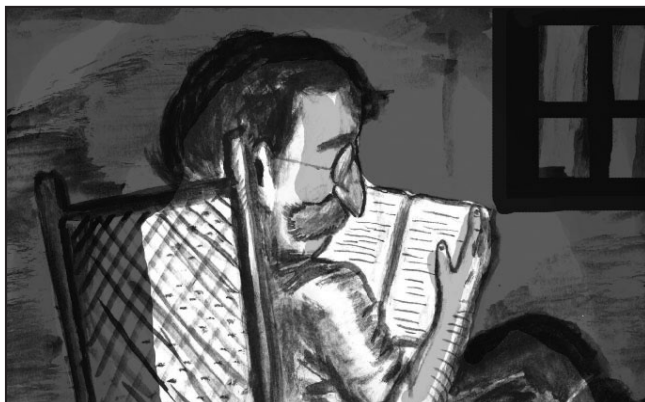
DE 3 A 21 DE JULHO DIURNO (MANHÃ ou TARDE) SEGUNDA A SEXTA 8 VAGAS R\$750 ATÉ 6 DE JUNHO

WWW.CORSO BRANCALEONE.COM

PRAÇA VICENTE MACHADO, 188, CENTRO ARAUCÁRIA-PR



Alan Amorim



A editora completa 4 anos de atividades, contando com mais de 330 títulos no catálogo – livros publicados em praticamente todo o território nacional (presença autoral em 21 estados, mais o Distrito Federal).

Editora **Penalux**  
Porque livros iluminam

Conheça nosso trabalho, acessando [www.editorapenalux.com.br](http://www.editorapenalux.com.br) e [facebook.com/penaluxpenalux](https://facebook.com/penaluxpenalux).

Para envio de originais:  
[originais@editorapenalux.com.br](mailto:originais@editorapenalux.com.br)



**A cor e a textura de uma folha em branco** é o livro de contos de Carlos Pessoa Rosa, premiado pela UBE/CEPE, em 1998. O autor é médico-escritor, poeta, contista, ensaísta, considerado entre os 20 melhores contistas pela Rádio Francesa Internacional. Publicou também "Sobre o nome dado", "Histórias que o povo conta, mas de seu jeito de contar" pelo Coletivo Dulcinéia Catadora, de São Paulo, e "Una Casa Bien Abierta", texto infantil, pela pequeno editor, de Buenos Aires. Tem trabalhos publicados em várias revistas literárias e coletâneas.

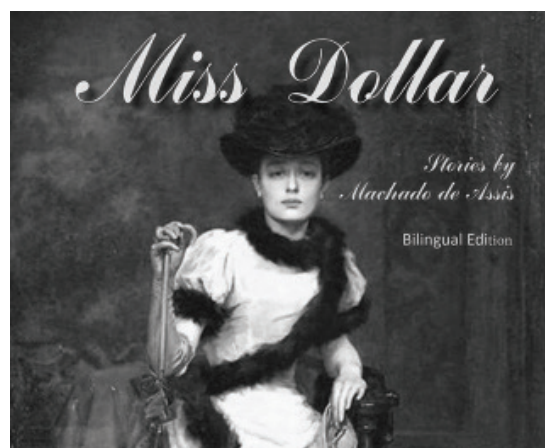
Para adquirir o livro: [www.amazon.com](http://www.amazon.com)

## ADVOCACIA

CONSUMIDOR - CÍVEL - FAMÍLIA  
CONTRATOS - TRABALHISTA

Bruno César Deschamps Meirinho  
(OAB/PR 48.641)

Rua Antônio Zanon, 1.606, Tatuquara  
Curitiba, PR, CEP 81.480-150  
(41) 3564-7194 (41) 98440-5050



### MISS DOLLAR - STORIES BY MACHADO DE ASSIS

TRADUZIDO POR GREICY PINTO  
BELLIN E ANA-LESSA SCHMIDT

ADQUIRA O SEU EXEMPLAR EM:

[WWW.AMAZON.COM/MISS-DOLLAR-STORIES-MACHADO-BILINGUAL/DP/0996674748](http://WWW.AMAZON.COM/MISS-DOLLAR-STORIES-MACHADO-BILINGUAL/DP/0996674748)



APRESENTAÇÃO ARLINDO MAGRÃO  
E-PARANÁ AM 630 | DOMINGO - 13H



AVENIDA MANOEL RIBAS, 2532  
ARAUCÁRIA PR | (41) 3643-4881



(41) 3031-2357 (41) 9663-7557



Luiz Otávio Prendin Costa



LIVROS | VINIS

**JOAQUIM LIVRARIA & SEBO**

RUA ALFREDO BUFREN, 51 CENTRO | CURITIBA, PR

INFO@JOAQUIMLIVRARIA.COM.BR JOAQUIMLIVRARIA.WORDPRESS.COM FB.COM/JOAQUIMLIVRARIA

Fábio Tokumoto/Carol Zanelatto

# Literatura de Refúgio

O Literatura de Refúgio é um evento literário promovido pelo PBMIH (Português Brasileiro para Migração Humanitária), projeto de extensão do curso de Letras da Universidade Federal do Paraná (UFPR). O objetivo da iniciativa é promover reflexões sobre as questões migratórias por meio da literatura. O projeto, coordenado por João Arthur Pugsley Grahl, professor de Letras da UFPR e coordenador do PBMIH, e por Carla Cursino, jornalista e mestrandia em Estudos Linguísticos, coloca em contato migrantes, estudantes e professores de Letras e leitores por meio de seu formato. Os migrantes auxiliam na seleção de poemas e outros gêneros literários com a temática da migração, refúgio e exílio; alunos e professores de Letras da UFPR traduzem os textos e apresentam suas versões para o público, que participa de um bate-papo conduzido pelos coordenadores.

## Diosas em Exílio María Elena Blanco

*Dês desses em exil...*  
YANNICK RAEL, *La Dame à La licorne*  
A Nivaria Tejer, poeta cubana en Paris

I  
(no pudierin com ella  
ni podrían  
los ángeles exterminadores  
los escribas)  
voy sesgando el espacio  
superpongo a La figura rumbosa  
que traza Alechinsky de este barrio  
la que fue mia, la excêntrica,  
la deseante  
los de aqui conjeturan  
¿de dónde será?  
atlántida o fenicia  
distante  
ignora los altares que enciende  
conjura una inteligencia andrógina  
sigo por esta calle como en trance,  
cada paso una dilatada victoria contra el tiempo  
o un destiempo feliz  
(tal vez entonces ella  
Hubiese rehuido a la que yo era, tal vez  
La que yo era no laa hubiera adorado)  
cuando llamo a su templo de papiro,  
atravieso el jardín en que se libran  
mil batallas de plumas y arden rosas  
ya transidas de invierno  
responde  
su voz hueca de cales y humedades  
(polos de un mgnatismo astral, alientos  
del mismo aire ciclónico en claves  
de reserva y desgaste)  
desde su terciopelo  
gris, su raso rojo, entre lienzos  
cuarteados o sedosos, ladiosa desafiante  
ríe a medias, acepta  
contemporizar com la ciudad, sorda ya  
para siempre al crujir de algodones  
en las azoteas azules  
yo vuelvo al cubo albo, me esfumo,  
ella se recoge en su silencio fértil  
(secretamente a veces, muy entrada la noche,  
quemo aromas de inciensos  
y me rindo a sus pies)

II  
otra diosa la sueña en duermevela  
Y arranca sus ropias glosas a la nada

## Deusas em Exílio Trad. Ana Carolina Freitag

*Dês desses em exil...*  
YANNICK RAEL, *La Dame à La licorne*  
A Nivaria Tejer, poeta cubana en Paris

I  
(não puderam com ela  
nem poderão  
os anjos exterminadores  
os escribas)  
vou atravessando o espaço  
sobreponho à figura magnífica  
que desenha Alechinsky deste bairro  
a que foi minha, a excêntrica  
a desejável  
os de aqui que supõem  
de onde será?  
atlántida ou fenícia  
distante  
ignoram os altares que acendem  
conjura uma inteligência andrógina  
sigo por essa rua como em transe  
cada passo uma grande vitória contra o tempo  
ou um destempo feliz  
(talvez então ela  
tivesse evitado a que eu era, talvez  
a que eu era não a tivesse adorado)  
quando chamo ao seu templo de papiro,  
atravesso o jardim em que se travam  
mil batalhas de plumas e acendem rosas  
já passadas pelo inverno  
responde  
sua voz retumbante de rua e umidades  
(pólos de um magnetismo astral, alentos  
do mesmo ar clônico em segredo  
de reserva e desgaste)  
desde seu veludo  
cinza, seu cetim roxo, entre lenços  
cuarteados ou sedosos, a deusa desafiante  
ri incompletamente, aceita  
compactua com a cidade, surda já  
para sempre ao ranger de algodões  
nos terraços azuis  
eu volto ao cubo albo, me espumo  
ela se recolhe em seu silêncio fértil  
(secretamente às vezes, na entrada da noite,  
queimo aromas de incenso  
e rio aos seus pés)

II  
outra deusa a sonha em cochilo  
E arranca suas roupas glosas do nada.



## Americanah – Chapter 31

### Chimamanda Ngozie Adichie

SOME YEARS LATER, at a dinner party in Manhattan, a day after Barack Obama became the Democratic Party's candidate for President of the United States, surrounded by guests, all fervent Obama supporters who were dewy-eyed with wine and victory, a balding white man said, "Obama will end racism in this country," and a large-hipped, stylish poet from Haiti agreed, nodding, her Afro bigger than Ifemelu's, and said she had dated a white man for three years in California and race was never an issue for them.

"That's a lie," Ifemelu said to her.

"What?" the woman asked, as though she could not have heard properly.

"It's a lie," Ifemelu repeated.

The woman's eyes bulged. "You're telling me what my own experience was?" Even though Ifemelu by then understood that people like the woman said what they said to keep others comfortable, and to show they appreciated How Far We Have Come; even though she was by then happily ensconced in a circle of Blaine's friends, one of whom was the woman's new boyfriend, and even though she should have left it alone, she did not. She could not. The words had, once again, overtaken her; they overpowered her throat, and tumbled out. "The only reason you say that race was not an issue is because you wish it was not. We all wish it was not. But it's a lie. I came from a country where race was not an issue; I did not think of myself as black and I only became black when I came to America. When you are black in America and you fall in love with a white person, race doesn't matter when you're alone together because it's just you and your love. But the minute you step outside, race matters. But we don't talk about it. We don't even tell our white partners the small things that piss us of and the things we wish they understood better, because we're worried they will say we're overreacting, or we're being too sensitive. And we don't want them to say, Look how far we've come, just forty years ago it would have been illegal for us to even be a couple blah blah blah,

because you know what we're thinking when they say that? We're thinking why the fuck should it ever have been illegal anyway? But we don't say any of this stuff. We let it pile up inside our heads and when we come to nice liberal dinners like this, we say that race doesn't matter because that's what we're supposed to say, to keep our nice liberal friends comfortable. It's true. I speak from experience."

The host, a Frenchwoman, glanced at her American husband, a slyly pleased smile on her face; the most unforgettable dinner parties happened when guests said unexpected, and potentially offensive, things.

The poet shook her head and said to the host, "I'd love to take some of that wonderful dip home if you have any left," and looked at the others as though she could not believe they were actually listening to Ifemelu. But they were, all of them hushed, their eyes on Ifemelu as though she was about to give up a salacious secret that would both titillate and implicate them. Ifemelu had been drinking too much white wine; from time to time she had a swimming sensation in her head, and she would later send apology e-mails to the host and the poet. But everyone was watching her, even Blaine, whose expression she could not, for once, read clearly. And so she began to talk about Curt.

It was not that they avoided race, she and Curt. They talked about it in the slippery way that admitted nothing and engaged nothing and ended with the word "crazy," like a curious nugget to be examined and then put aside. Or as jokes that left her with a small and numb discomfort that she never admitted to him. And it was not that Curt pretended that being black and being white were the same in America; he knew they were not. It was, instead, that she did not understand how he grasped one thing but was completely tone-deaf about another similar thing, how he could easily make one imaginative leap, but be crippled in the face of another.

## Capítulo 31 (Trad. Mariana Paiva)

ALGUNS ANOS DEPOIS, em um banquete em Manhattan, um dia depois que Barack Obama se tornou o candidato à presidência dos Estados Unidos pelo partido Democrático, cercado por convidados, todos apoiadores fervorosos de Obama com os olhos brilhando de vinho e de vitória, um homem careca falou "Obama vai acabar com o racismo nesse país!" e uma estilosa poeta do Haiti concordou, acenando com a cabeça, seu afro maior que o de Ifemelu, e falou que ela namorou um cara branco por três anos na Califórnia e que raça nunca foi um problema pra eles.

"Isso é mentira", Ifemelu disse pra ela.

"Qué?", a mulher perguntou, como se ela não tivesse ouvido.

"É mentira", Ifemelu repetiu.

A mulher arregalou os olhos. "Você tá me dizendo como foi minha própria experiência?". Mesmo que Ifemelu entendesse que pessoas como aquela mulher falavam o que falavam para manter os outros confortáveis e para mostrar que eles gostavam do Quão Longe Nós Chegamos; mesmo que ela estivesse alegremente dentro de um círculo de amigos do Blaine, um deles era o novo namorado da mulher e mesmo que ela tivesse deixado isso de lado, ela não tinha. Ela não podia deixar. Aquelas palavras, mais uma vez, atingiu-a; elas dominaram sua garganta e caíram fora.

"O único motivo pra você dizer que raça nunca foi um problema, é porque você queria que não fosse. Todos nós queríamos que não fosse. Mas é mentira. Eu vim de um país onde raça não era um problema; Eu não pensava sobre mim como negra e eu só me tornei negra quando eu vim pros Estados Unidos. Quando você é negro nos Estados Unidos e você se apaixona por uma pessoa branca, raça não importa quando vocês estão a sós porque é só vocês e o amor de vocês. Mas no minuto que vocês colocam o pé pra fora, raça importa. Mas nós não falamos sobre isso. Nós nem contamos pros nossos parceiros as pequenas coisas que nos irritam e as coisas que queríamos que eles entendessem melhor, porque nós nos preocupamos se estamos exagerando ou se estamos sendo muito sensíveis. E nós não queremos que eles digam *quão longe nós chegamos*, só

porque quarenta anos atrás seria ilegal nós sermos considerados um casal blá blá blá, porque vocês sabem o que nós pensamos quando eles dizem isso? Nós pensamos porque isso deveria uma dia ter sido ilegal? Mas nós não falamos nenhuma dessas coisas. Nós deixamos isso de acumular dentro de nós e quando nós estamos em jantares liberais bacanas como esse, nós falamos que raça não importa porque se espera que nós falemos isso, pra manter nossos amigos liberais numa situação confortável. É sério. Eu falo por experiência própria."

A anfitriã, uma mulher francesa, olhou de relance para seu marido americano, com um sorriso amarelo na cara; os banquetes mais inesquecíveis são aqueles em que os convidados falam algo inesperado e potencialmente ofensivo.

A poeta balançou a cabeça e disse para a anfitriã "eu adoraria um pouco daquele molho caseiro, se ainda tiver" e olhou para os outros como se ela não pudesse acreditar que eles estavam realmente prestando atenção no que Ifemelu disse. Mas eles estavam, todos eles ficaram em silêncio, seus olhos nos de Ifemelu como se elas estivesse prestes a revelar um segredo sórdido que iria tanto deleitar quanto embarçar eles. Ifemelu tinha bebido muito vinho branco; de tempo em tempo ela sentia uma leve tontura, mais tarde ela mandaria e-mails de desculpas para a anfitriã e para a poeta. Mas todo mundo estava assistindo ela, até Blaine, cuja expressão ela não conseguia, uma vez na vida, ler claramente. Então ela começou a falar sobre Curt.

Não é que eles evitavam raça, ela e Curt. Eles falavam sobre isso por cima de uma maneira que não dava em nada e que acabava com a palavra "louco", como uma pedra curiosa que serve para ser examinada e depois deixada de lado. Ou como piadas que deixam um pequeno desconforto que ela nunca admitiu. E não era como se Curt fingisse que ser negro e ser branco era a mesma coisa nos Estados Unidos; ele sabia que não era. Na verdade, ela não entendia como ele compreendia uma coisa, mas pudesse ser meio cego para outra coisa tão parecida. Como umas coisas podiam fazer sentido para ele, enquanto outras coisas não pudessem entrar em sua cabeça.

# Sistemas de produção

## Natasha Tinet

1- Laranjas.

Eu era um ótimo desinvolucrador de laranjas, o melhor do meu setor. As espirais perfeitas, os receptáculos lisos, não se via um mínimo relevo. Ganhei três vezes o título de melhor funcionário do ano.

Não entendo por que desinvolucram as laranjas. O senhor sabe como elas são feitas?

Hum hum, nunca perdi meu tempo pensando sobre isso.

É um mecanismo muito complexo. Somente pessoas altamente graduadas entendem como funciona todo o sistema de produção.

O senhor é um deles?

Eu? Imagina. Trabalhei no setor de conteúdo, um trabalho exaustivo, desvalorizado. Recebia os receptáculos e preenchia os triângulos com mesocarpo, aplicava cada gomo com uma pinça. É preciso muita técnica para seguir a composição correta. O senhor sabia que existiu uma peça chamada semente?

Ouvi falar, mas isso já era lenda no meu tempo e o senhor pode perceber que sou bem velho.

Escutei de fontes fidedignas que as sementes realmente existiram, mas foram retiradas porque não davam lucro. Não se sabe como, mas elas começaram a produzir laranjas espontaneamente em determinadas condições.

Bah! Mentira! Agora o senhor vai me dizer que é possível laranja dar em árvore?

Verdade ou não, o importante é que essas peças não sejam mesmo produzidas, imagine o problema. O meu trabalho se tornaria muito mais penoso, encaixar peças sedimentadas sobre camadas tão frágeis. Bem,

agora já não faria a mínima diferença, fui demitido por justa causa depois de 5 anos de especialização e 15 de trabalho duro.

Por que o senhor foi dispensado?

Estourei um gomo.

Que prejuízo.

Eu sei, eu sei, um erro imperdoável para o sistema. Mas como disse, era um trabalho pouco valorizado. Aproveitei o erro como motivação para uma nova carreira, o senhor sabe, as engrenagens não podem parar.

Amém!

A tendência de mercado aponta que a profissão do futuro é de colorista, agora as laranjas terão outras cores para atender a preferência dos consumidores. Logo teremos laranjas com invólucros em vários tons alaranjados, do mais vermelho ao mais amarelado e até mesmo verdes. Aliás, estão desenvolvendo máquinas capazes de desinvolucrar laranjas com precisão matemática segundo a sequência de Fibonacci, tecnologia muito avançada.

Dei sorte, me aposentei a tempo.

Vai demorar muito para que me aposente, ainda faltam 40 anos para chegar aos noventa. Tenho que me preparar para o futuro. Aí sim terei tempo para refletir sobre algumas questões, como, por exemplo, por que algumas fábricas desinvolucram e espremem as laranjas, se poderiam muito bem se utilizar somente da produção dos gomos?

Pare com essas reflexões, meu filho.

O segredo da felicidade é ignorar esses questionamentos.

Tem razão.

Não pense, trabalhe.

O senhor é muito sábio... Por acaso já comeu uma laranja?

Não.

Nem eu. Mas ouvi falar que é salgada.

## Afia-se

### Marcus Groza

não merece amor quem vive em si  
sem esfolar a ponta das vértebras  
não merece amor quem os nervos não  
esfrega  
em mel em cinzas  
e no zinabre de fagulhas e salivas  
arrastando a língua nas flechas  
conta postes paredes e pedras  
não merece amor quem vive em si  
esquálido como um Cristo que não pesca  
como um cachorro que tem dor de barriga  
e flores e gramíneas não mastiga  
nem faz compressa  
não merece amor quem vive em si  
sem esfolar a ponta das vértebras

# Últimas notícias do mundo dos cachorros

**Bolívar Escobar**

Não guardar mágoa, ou não guardar rancor, deve estar sempre entre os três ou quatro principais conselhos de qualquer melhor amigo. Trata-se de uma modalidade artística que consiste em, basicamente, lembrar de pessoas focando em aspectos bons que porventura se sobressaíam em comparação às coisas ruins que suas atitudes possam ter ocasionado. É uma virtude que precisa ser constantemente reforçada porque nós aprendemos coisas novas e entramos em contato com mais informação diariamente. Nosso cérebro se reorganiza para dar lugar a esses novos dados, e por isso vamos lembrando cada vez menos detalhes das pessoas com quem já convivemos. Uma hora, essas lembranças se reduzem a meros lampejos em nossas memórias, agarrados a emoções às vezes boas, às vezes péssimas.

Na última vez que fui para Erechim, meu pai chamou eu e meu irmão mais novo para almoçar um salmão na brasa. Meu pai se aposentou, mas ele continua consertando computadores e declarando impostos de renda para as pessoas. O imposto de renda é uma chance que o governo dá para o cidadão demonstrar o quanto ele ama estar inserido na lógica do fator social-civilizatório. O cidadão declara mais ou menos o seguinte: “ei, governo, veja só quanto dinheiro o suor e as lágrimas do meu trabalho renderam ano passado”. Aí o governo responde: “Joia. Eu vou pegar um pouco para transferir para as outras pessoas menos

favorecidas, para que elas tenham a mínima noção do que é estar inserido na lógica do fator social-civilizatório através de investimentos em segurança, infraestrutura, educação e saúde”. Às vezes, o cidadão não acha isso justo e se revolta, sonogando ou apelando para esquemas de evasão fiscal. Coisa de criança.

Enquanto temperava o peixe, meu pai perguntou se eu lembrava de um tal de Juliano Petrich. Ele deu uma olhada no notebook de um cara com esse nome e que disse lembrar de mim, da época da escola.

– Se eu lembro daquele bosta? É claro que lembro – respondi.

Petrich era o bully da turma. O bullying é o segundo fenômeno com maior recorrência nas escolas do mundo inteiro (o primeiro é e sempre será o enfado). Petrich gostava de ficar perguntando coisas constrangedoras relacionadas a pinto e vagina para os colegas, e ficava rindo quando todo mundo transparecia estar envergonhado. Coisa de criança. Outras coisas que ele gostava de fazer envolviam empurrar todo mundo no recreio e tentar baixar as calças das pessoas.

A coisa mais interessante que já li sobre bullying foi um texto de um psicólogo que tentou, em alguns parágrafos, explicar que reagir ao bullying com violência gerava ainda mais violência. A criança que demonstrava esse tipo de comportamento estava apenas reproduzindo o que via em casa, extravasando o que sofria de outras

pessoas (pais, tios, amigos da onça), e que incidências de bullying em escolas eram mero efeito colateral de deixar várias crianças juntas por muito tempo no mesmo ambiente.

É uma espécie de reação em cadeia: a criança sofre uma pressão psicológica em casa. Vira uma pequena tirana que pratica o bullying na escola. A vítima que sofre o bullying no recreio chega em casa e o aplica em menor grau em quem se mostra mais vulnerável, às vezes pode ser um animalzinho de estimação. O animal de estimação, por sua vez, não extravasa o rancor em ninguém porque o cérebro dele é pequeno demais para compreender esse conceito. Mesmo o cachorro pitbull, que tem uma cabeça enorme, não tem cérebro grande o suficiente para guardar rancor das coisas. Ele no máximo morde as pessoas porque foi treinado para morder ou por questões territoriais. Um cachorro nunca vai lembrar de alguém e pensar “minha nossa como eu odeio essa pessoa”.

Outra coisa que o psicólogo escreveu que achei bem bacana: o professor não deveria em hipótese alguma intervir e punir o aluno bully; deveria, sim, deixar que o sentimento de justiça e união da turma aflorasse e agisse como regulador social, apoiando os alunos que eram vítimas e segregando a criatura endiabrada, deixando para o fator social-civilizatório a incumbência de bússola moral, e não invocando um arquétipo de autoridade que poderia reforçar ainda mais o bullying.

Isso dificilmente acontecia.

Aparentemente a vontade de ter uma figura líder fazia com que o bully fosse mais idolatrado do que segregado. Parecia que a criança preferia achar legal as atitudes dele e rir da vítima do que se compadecer e lutar por justiça. Coisa de criança.

O meu irmão, Frank, estuda Arquitetura. Esses dias enviei a ele um link que mostrava um belo palácio francês do século 16 em duas fotos, uma com a fachada original e outra de uma reforma recente, que substituiu os detalhes e ornamentos clássicos pelas linhas e ângulos retos do Modernismo, revestindo a obra com chapas de aço inox e vidro temperado. Perguntei o que ele achava disso:

– Morte aos envolvidos – ele respondeu.

– Hahaha! – respondi de volta.

É como se você pudesse parar, agora mesmo, nesse instante, observar algum aspecto da sua vida (algum amigo, familiar, a fila do supermercado, o ônibus que o leva até o trabalho, seu chefe, o almoço de ontem, a goteira na sala, os filhos, os bichos de estimação do vizinho, o filme que viu semana passada no cinema pagando meio-ingresso, a Polícia Militar, o Michel Temer, o saldo na conta corrente) e pensar o seguinte: “daqui a dez anos eu vou sentir rancor disso”.

E dez anos depois você tenta lembrar de alguma coisa, nem que seja para sentir a raiva. E não consegue. Porque não era importante. Era coisa de criança, como sempre.

ISSOCO



RRRO



nem bem se estabelece  
tipo o comecinho mesmo sabe  
e lá no fundo alguém já dá uma chiada

ali olha lá  
parece que é um em panorâmica

chegamos ao plano  
e podemos mal observar a imagem de um piloto  
na verdade da cabeça de um piloto  
atormentada pelas imagens

ah sim  
nem é o capacete que atrapalha  
ou a máscara de oxigênio

dos rostos que pilotos não veem mas bem sabem a cara de hora exata  
de indiscutível milagre das vísceras interrompido  
esparramado  
sem nem bem uma mirada nesses olhos esses olhos cor de gente quando explode  
sabem bem  
restos e pormenores técnicos da expressividade  
e o plano se abre

e será que é panorâmico  
e quê será esse plantio desgraçado  
o piloto coitado rachando solos  
empenhado em uma sobrevivência que não é dele  
e o plano se abre

e é pavoroso  
e há alarde e é só isso mesmo  
uma cabeça estática  
mas não haver cabeças rolando não significa muito  
a inexistência de panorâmicas  
ou do cheiro do cansaço e da chantagem e dos gritos  
o grito esse martelo terrível  
nem do uivo das sinetas de crianças mulheres e idosos na frente  
tem tapete vermelho que a gente prefere ver  
com pedaços só de pés alheios  
nem do velho sentado no barril sabendo só pra ele em voz baixa  
isso que o céu manda hoje nem foi adestrado  
nas cronologias do abate  
e nosso plano se abre

cortamos pra imagem das poltronas com porta copos  
podemos mal observar ninguém

o dilema das missões só de reconhecimento

ousando  
chamar a atenção do lanterninha

ow  
vem cá  
pelo quê é que esse ingresso vale

*“Sad wings that heaven sent  
Wipes out in rage  
All guns, all guns blazing”*  
(In: *“Painkiller”*, Judas Priest, 1990)

# Gaudi

## Josette Garcia

arquitetada com linhas & pêndulos  
à mercê de grávida gravidade  
em constante equação  
assim é a vida  
extrato da natureza desperta  
em proporções milimétricas  
desde os cacos e rejuntas  
até os mosaicos

às frases, poses, crases & crises...  
credo! cruces!  
vitrais e matizes em busca da luz  
sagradas famílias em perpétuo conflito  
com o céu e a terra  
... do zero ao infinito

gigantesca obra inacabada  
monumento ao eterno não findo  
trechos & tropeços caros  
remodelados de paciência versus tempo  
cores & curvas projetadas  
além dos arcos & retas  
risco, insight e cisco  
no olho de um deus distraído

# cotidiano de um poeta

---

## Bioque Mesito

acordo às nove e meia da manhã  
com os olhos no sol que dormiu  
comigo pego um copo com água  
olho-me no espelho escovo os dentes

sento-me em uma mesa  
como um pão com chocolate frio  
aos poucos vou me sentindo no mundo

minuciosamente vou em direção ao quarto  
observo a velha máquina de escrever  
arrumo algumas folhas e começo a trabalhar  
a mesma cor metafísica de sempre

a névoa começa a dançar em meus neurônios  
sinto-me como se estivesse com ressaca  
tento estralar os dedos como forma de abstração

uma pessoa me telefona está tudo bem  
volto para o vazio não sei me convencer  
estou perdido nem o noticiário é interessante  
a tarde namora meu telhado

estou confuso sai a primeira linha  
muito inocente desenho a chuva no campo  
a lua para atrás da minha janela

é tão estranho que a noite não me sorria  
ouço prelúdios de brisas  
aprendo a conviver com a verdade já é tarde  
minha cama é o caminho da eternidade

amanhã quem sabe  
eu me ouça menos  
e a poesia fale

# Mulheres que escrevem poesia lendo mulheres vivas

## A vontade de comer a musa com arroz e feijão – parte 2

---

Estela Rosa

Ledusha é conhecida por muitos e associada à poesia marginal ao lado de Ana C., mas, como ela mesma diz “fiquei à margem da poesia marginal”. Relançada ano passado pela Luna Parque Edições, editora da também poeta Marília Garcia, Ledusha voltou à tona com seu livro *Risco no Disco*, publicado pela primeira vez em 1981. Ainda que muitas das poetas aqui sequer tivessem nascido nesta época, Ledusha escreve tão abertamente que é preciso colocá-la ao nosso lado. A conheci no lançamento de seu livro em São Paulo, que aconteceu no mesmo dia do lançamento da revista *Grampo Canoa*. A presença de Ledusha é fogos de artifício. Para ela, ao invés de Estela, fiquei sendo Estala.

### Outono

#### Ledusha

afasto esse poema que vaga pelo quarto  
passional com um postal  
carioca  
nefasto esse poema  
que detesto  
como detesto  
os dias lindos  
de maio

Bruna chegou até mim como chegou Adelaide.  
Inesperadamente me choquei com sua poesia dura e crua,  
daquelas que arranham os ouvidos e a pele com tudo  
aquilo que escolhemos não ouvir. Bruna abre espaço entre  
os versos para a denúncia, para o grito, para resistir, para  
sobreviver. A poesia dela é escrita nas poças de óleo e nos  
buracos do asfalto, nas paredes e na pele. Em uma noite de  
leituras, Bruna rejeitou o microfone e, com seus pulmões  
inflados, recitou seus poemas com a força de quem atravessa  
cidades. Não é seu primeiro livro e foi publicado pela  
Editora Patuá.

### Bruna Mitrano

quando ela fechou as pernas  
a cigarra estourou de gritar  
vinha de dentro  
um silêncio que não se quisesse ver  
um cabelo bruto  
uma coisa boa macassá  
quero me enfiar nele  
naquele silêncio –  
um bicho se olha pro outro enquanto come, é sobrevivência  
não é competição.



Conheci Jarid Arraes através da Taís. Conhecida por seu elogiadíssimo projeto de Literatura de Cordel, Jarid também escreve poemas eróticos de abalar as estruturas. Também escolhi um poema dela para figurar no *Regabofe das Deusas* e há relatos de que foi um dos mais devorados nesse banquete. Jarid é forte e debochada, afiada em seus desejos. Seu livro de poesia erótica será lançado ainda este ano, então vamos todas juntas aguardar ansiosas.

## Intensa

### Jarid Arraes

não te quero como cerveja  
social  
entre conversinhas  
com uma casualidade  
e uma leveza  
características  
te quero como vodka  
pura  
e quente  
de efeito forte  
e de repente  
te quero em muitas doses  
e uma ressaca  
que seja,  
por favor,  
recorrente.

Em uma quinta-feira à noite, chuvosa, encontrei a poeta Taís Bravo no metrô da Carioca. Estávamos indo ao lançamento de um livro de uma poeta que eu não conhecia. Mal sabia eu a transformação que estava por vir daquela caminhada lenta e molhada pelo centro da cidade. Adelaide Ivánova publicava pelo Coletivo Garupa seu livro *Martelo*, uma obra completa, um tiro do começo ao fim, que atravessa nossa experiência como um prego atravessa uma parede. Conhecer Adelaide e sujar meus dedos com seu livro foi bonito e intenso. Depois daquela noite, eu era outra. Depois daquele livro, o mundo era outro.

## a porca

### Adelaide Ivánova

a escritã é uma pessoa  
e está curiosa como são  
curiosas as pessoas  
pergunta-me por que bebi  
tanto não respondi mas sei  
que a gente bebe pra morrer  
sem ter que morrer muito  
pergunta-me por que não  
gritei já que não estava  
amordaçada não respondi mas sei  
que já se nasce com a mordaça  
a escritã de camisa branca  
engomada  
é excelente funcionária e  
datilógrafa me lembra muito  
uma música  
um animal não lembro qual.

# Concurso Conto Curitiba

---

Os textos a seguir fazem parte dos dez vencedores do Concurso Conto Curitiba, promovido para celebrar os cinco anos de atividade da Freguesia do Livro, iniciativa social que incentiva e promove a leitura no Paraná. Partindo de um encontro em dezembro de 2016 com o escritor João Anzanello Carrascoza, abordando o tema Um Olhar sobre a Cidade, o concurso convidou autores novos e veteranos a ver Curitiba com outros olhos e escrever sobre ela, buscando um pouco de literatura nas praças, esquinas, ruas e pessoas do seu cotidiano. Curitiba como personagem, cenário ou destino. O **RelevO**, parceiro da ideia, publicará os 10 textos vencedores, sendo cinco em maio e cinco em junho.

Para conhecer mais sobre a  
Freguesia do Livro:

[freguesiadolivro.com.br](http://freguesiadolivro.com.br)  
[facebook.com/freguesiadolivro](https://facebook.com/freguesiadolivro)  
[contato@freguesiadolivro.com.br](mailto:contato@freguesiadolivro.com.br)

## Dois encontros Neno Moura

Era janeiro de 1993. No auge dos vinte anos, eu tomava uma cerveja com amigos na beira da praia. Os pés tocando a areia macia. A moça veio com um par de amigas e sentou-se em uma mesa próxima. Era época de exercitar o flerte, então em minutos as mesas estavam juntas. A moça era de Curitiba. Lembro que comentei que tinha certa inveja de sua cidade porque os melhores concertos pulavam direto de lá para Porto Alegre. Ela tinha ares de cidade grande, pele branca, cabelos ligeiramente vermelhos e fala pausada. Terminamos a noite no quarto da pousada em que ela estava hospedada. Foi tudo rápido e intenso, como era quase tudo naqueles dias. Trocamos contatos e combinamos superficialmente que eu a visitaria. Não nos falamos mais.

Uns dias atrás, atendi ao telefone e a voz de um rapaz de fala calma, silabada e bem vocalizada pedia a confirmação do meu nome. Agora estou aqui neste café, no Largo da Ordem, ansioso enquanto olho para a xícara vazia e aguardo a chegada de meu filho curitibano.

## Foi assim Antonio Gomide

Foi assim. Desilusão. Eu que havia conquistado e dominado as noites curitibanas, agora não passava de um estranho em meio a tantos estranhos. Um completo desconhecido. É certo que vim de outra época. Uma época que Curitiba tinha outra magia, outros encantos, segredos e mistérios. Queiram ou não, eu fazia parte desta Curitiba. Mas isso ficou no passado. Outro dia, depois de muito tempo enclausurado, resolvi sair de casa para uma ronda noturna. Na caminhada, uma sexta-feira de muito frio, fui a lugares que outrora faziam parte da minha rotina. Rua XV, Praça Tiradentes. Circulei pelo Relógio das Flores e Largo da Ordem. Aqui cabe um esclarecimento. Não sou, de fato, real. Sou apenas um plágio da criação literária de um filho ilustre de Curitiba. Imaginava-me um vampiro à procura de almas perdidas nas noites curitibanas. Assim me travestia. Depois de todo esse tempo afastado das minhas jornadas, tive uma imensa desilusão. O vampiro saiu de moda. Curitiba agora é dominada por zumbis.

## Um outro nome para distância

### Gabriel Pondé

Curitiba era um outro nome para distância. Passei a chamar de exílio. Vinha a trabalho, até que fui transferido. Uma cidade escondida atrás da neblina. Uma floresta introvertida. Desde que cheguei, vivo perdendo coisas. Meu casaco continuou sem o dono a viagem de ônibus. As chaves caíram do meu bolso e hoje criam raízes ao pé de uma araucária na Tiradentes. Por fim, recuperei a minha identidade no achados e perdidos dos Correios no Bigorrrilho. “Seu sapato tá desamarrado”, a mulher me sorri gentilmente. E o sorriso dela é como uma porta aberta por alguém que diz: “sinta-se em casa”. O sol ilumina agora a praça de contornos orientais, toda em flor no íntimo de uma cidade construída por essa gente de traços imigrantes espremida no ponto de ônibus neste final da tarde. Sou mais um que espera o Ligeirinho parado no vermelho do sinal. Aqui dizem sinaleiro, e acabo de perceber que há pouco chamei de piá o garoto que vende balas.

## Nelsinando

### Gabriel Daros Lourenço

Cruzamos olhares na Trajano, multidão de sexta-feira, noite de vinho e vontades de algo mais. Era jovem, mas não como a gente. Tão branca, refletia o laranja do poste. Nesgas de carne na frente, mas de preto não se sabia a finura. Não fosse o chanel até o ombro, diria que saída da Catedral Basílica. Voou até mim e pediu com batom roxo.

“Tem fogo?”

Isqueirinho de cinco pilas roubado no Largo. Algo de mel ou dourado nos olhos que invadiam, chama queimando cigarro. Deu seu nome, que não era de anjo. Não pediu o meu. Me perguntou se sozinho. Disse ser abandonado, amigos no violão. Sorriu dentes bonitos.

“Assim você corre perigo.”

Tão certa estava, melhor abrigarmo-nos em casa. Podia o casaco no braço do sofá? Levei dois uísques em copo roubado de bar. Encontrei-a entre os livros. Um do Trevisan na mão.

“Gostas?”

“De Nelsinho todo mundo tem um pouco.”

Me pediu as luzes apagadas. Debaixo do preto, ó escultura de mármore. Lábios frios. Sussurrou antes de cravar no pescoço.

“A Vampira de Curitiba sou eu.”

## Lapidário

### Ester Gehlen

Eu demorei pra te entender  
E ainda mais pra te aceitar  
Assim,  
Exatamente como você é  
Fria, inflexível  
E carrancuda.

Eu ainda não compreendo muito bem  
Esse seu burburinho  
Esse seu sotaque que se perde  
Em meio a tantos outros ruídos,  
Todos caóticos  
Embaralhados numa rigidez quase despótica.

Eu acho improvável  
Que tantas mudanças de humor  
Possam algum dia tê-la tornado habitável  
Mas os homens chegaram mesmo assim  
Mesmo sem saber ao certo  
Qual o significado de um lar.

Mas não é na multidão  
Que a atravessa com sacolas e angústias  
Nem à luz do dia  
É somente no silêncio  
No vazio de uma noite gelada  
Que você pode ser entendida.

E então você brilha  
Finalmente se mostra através da neblina  
Com toda maestria e imponência.  
O seu silêncio é vivo:  
Ouço as vozes que saltam das construções antigas  
E o bafo quente dos bueiros é sua forma peculiar de me ofertar calor.

Você pode destruir o caráter de um homem  
Ou fortalecê-lo  
Como uma de suas ruas de pedra.  
Na Capital dos Pinheiros, eu endureci  
E só então descobri o seu nome secreto:

Poesia

# Trechos de Mesmas Coisas

## Manoel Carlos Karam

O homem com cachecol entrega para o motorista fósforos com a palavra hotel escrita na embalagem. Debaixo da palavra hotel há um endereço incompreensível. O motorista guarda os fósforos no bolso enquanto o homem com cachecol bate a porta. O táxi arranca. O homem entreabre a porta para soltar uma ponta do cachecol. Bate a porta com força e resmunga. O motorista resmunga com a batida da porta. O homem com cachecol tira um pacote do bolso do paletó. Abre o pacote, é um livro. O homem começa a ler as orelhas. Mal inicia a leitura da segunda. O táxi para diante do hotel.

\*

A moça fingindo que mordida a maçã, a Antônia. A boca aberta, os dentes apontando na direção da maçã, os olhos na direção do fotógrafo, os dedos da Antônia tocavam na maçã mas a maçã estava distante da boca da Antônia, a maçã afastada dos dentes, do paladar, do apetite, fingindo.

\*

Lucas adotou durante alguns dias a profissão de falsificador de fotografias, alguns dias, tempo suficiente para uma obra, meia dúzia de fotografias falsificadas. Uma das falsificações era a própria conta porque somavam cinco as fotografias daquela meia dúzia do Lucas. O que havia nas fotografias falsificadas nunca alguém registrou na memória porque o ponto do caso foi outro, foi outro o único ponto registrado pelas memórias que olharam para as fotografias. O ponto: o Lucas assinou as fotografias mas o Lucas falsificou a assinatura.

\*

Algum gesto de lançar alguma coisa a alguma lata de lixo alguma vez revelou algum prazer? Fotografias. O prazer de jogar fotografias no lixo. Amassadas, rasgadas ou inteiras. A fotografia pode tomar a forma de bola de papel. Lançar alguma fotografia em algum lixo. Sim, com algum prazer. Fotografias inteiras. Sem amassar nem rasgar nem enrugam. Fotografias inteiras jogadas no lixo. Então proteger o lixo. Basta proteger o lixo. Quem nunca guardou uma coleção de fotografias no lixo que atire a primeira bola de papel.

\*

Você conhece essa pessoa? A fotografia foi mostrada para a Antônia por uma mulher, ela olhou rapidamente, respondeu que não, que não conhecia a mulher da fotografia. Foi obrigada a fazer um grande esforço para dizer que não conhecia a mulher da fotografia porque a mulher da fotografia, como ela sabia antes de olhar para a fotografia, era a mulher que mostrou a fotografia. Quando conta a história vem cogitando deixar a história mais clara trocando fotografia por espelho, só falta decidir se côncavo ou convexo.

\*

Alguém olhando para fora da fotografia, o Francisco. Mas não estão sempre todos olhando para fora da fotografia? Olhar para o fotógrafo e para a câmera não é olhar para fora da fotografia? O Francisco posou olhando claramente para fora da fotografia porque escolheu olhar para o lado. Talvez o Francisco estivesse olhando para o lado onde havia o segundo Francisco, que preferiu permanecer fora da fotografia, que preferiu imitar o fotógrafo.

# Sobre as mesmas coisas

Michelle Pucci

"Obsessão quando atravessa na garganta, a gente empurra com um copo d'água."

**Mesmas coisas**, livro inédito de Manoel Carlos Karam

Fotograma 1 – Tudo começou antes. Muito antes. (A gente nunca sabe quando começa ou quando termina.) A frase *tudo começou muito antes* sempre vem à minha cabeça. Quando preciso contar algo a alguém e quando recebi em minha casa, em 2006, a atriz e diretora e cantora que pediu a alguém, sempre substituo a frase *era uma vez por tudo começou muito antes*. Talvez começou (não tenho certeza do momento exato que começou) quando recebi em meu apartamento no Alto da XV, em 2006, a atriz, diretora, iluminadora, Nadja Naira e o poeta Luiz Felipe Leprevost. Nós nos reunimos para ler juntos. Era isso que queríamos fazer. Ler juntos aleatoriamente alguns autores. Preferencialmente paranaenses. Só isso, nada além disso. Nenhum plano, nenhuma verba para alavancar nada. O objetivo do jogo era nos encontrarmos para ler em voz alta. O ato de realizar o encontro já era um primeiro passo, ou o segundo. Porque a ideia é que era o primeiro passo. Eu me lembro da Nadja chegando com livros do Manoel Carlos Karam nas mãos.

\*

Fotograma 2 – As margens das ideias borradas. Elas, as ideias, penso que começam muito antes, no espaço do devir. Então penso no devir. Na dinâmica do número três. Por que três? A dinâmica de três tempos: o passo número um; aquele passo desconcertante (Ou seria desconcertado? Eu de minha parte, nasci a fórceps em Curitiba Maternidade Nossa Senhora das Graças) Retomo o passo, aquele passo, o desconcertante, é o nascimento. O passo número dois vem para dar equilíbrio, até que chegue o número três. O terceiro é sempre o novo começo, ao mesmo tempo que não é um começo, porque já houve um começo e já houve um fechamento. O terceiro passo seria o fechamento e abertura ao mesmo tempo. Não fui eu que inventei isso. Alguém me revelou isso. Eu me lembro, foi quando estudei

na Universidade Federal do Paraná, de 2011 a 2015. Houve um dia em que decidi atravessar o pátio em direção ao quarto andar do edifício D. Pedro II e assistir a algumas aulas de filosofia. Mas antes, me lembro, ouvi falar de Deleuze, foi o Marcio Abreu, diretor da Companhia Brasileira de Teatro. Fiquei ouvindo aquele diretor de teatro falar de Deleuze em uma oficina de dramaturgia e construção de cena. Era 2010. A imagem do Márcio com o livro de Deleuze na mão. A teoria da diferença e repetição.

\*

Fotograma 3 – No último ano da faculdade vendi meu carro para poder pagar a mim mesma um salário mensal. Eu havia lançado um disco chamado *Respiro* em maio de 2015, antes disso havia deixado pra trás um emprego que já não fazia mais sentido pra mim. Vendi meu carro. Queria dar a mim mesma uma bolsa de estudos em filosofia. Já havia entregado minha monografia intitulada *A dimensão das mesmas coisas: a literatura de Manoel Carlos Karam em cena*. Estava obcecada por tudo aquilo que havia descoberto do lado oposto ao que eu permaneci durante os anos de graduação em Letras. Schopenhauer, Deleuze, Descartes. Não havia meios de me concentrar em algo que não fosse isso. Um dia telefonei ao Bruno Karam e perguntei a ele "Seu pai estudou filosofia, Bruno?" ao que ele respondeu "Não, mas na biblioteca dele havia toda filosofia que se podia imaginar". O Karam sempre dizia que não era um escritor, ele sempre dizia que era um leitor. Eu, orgulhosa da minha investigação, pensei imediatamente na minha própria imagem dando um soquinho no ar. Aquele tipo de soco com o punho fechado, dedos firmes todos para dentro da palma da mão. Aquele típico soco que a gente dá, bem curtinho e muito satisfeito, sempre que tem uma epifania.

*Furu ike ya  
Kawazu tobikomu  
Mizu no oto*

Matsuô Bashô (1644-1694)

\*

O Devir – Assim mesmo, o nome

deste fotograma é este, como um nome próprio ou um título. Se fosse dito em voz alta, seria com aquela voz de dublador da Herbert Richers, O Devir em pessoa dizendo assim: *Era uma vez* uma atriz/cantora que resolveu fazer uma graduação em Letras. Então, alguém, o próprio Devir, olha para fora do fotograma e diz "– *Sabemos que não foi assim do nada*". Ela não chegou assim do nada, como um personagem que aparece das coxias escuras do palco, assim do nada. Ela estava pensando em common uncommunicability. Ela queria diminuir a distância do abismo. Ela havia feito a capa do seu disco *Respiro* sentada lá no alto do edifício D. Pedro II. Vestida de mulher meio pássaro.

\*

A fala da atriz – Um dia decidi estudar literatura. Entrei na universidade com o objetivo de ler muito e de respirar um pouco os ares do ambiente acadêmico, o qual eu já havia quase desistido de frequentar ou enfrentar. Dei uma pausa de cinco anos no teatro e arrumei um emprego na TV, já havia feito dois anos de Jornalismo que me serviram para conseguir a vaga.

Desde o meu primeiro ano no curso, já tinha guardado na minha "nuvem" a ideia de que faria Karam em minha monografia. Fiquei buscando, entre os professores orientadores, alguém que aceitasse minha proposta de inserir minha experiência com teatro no trabalho de conclusão de curso. Queria fazer algo que borrasses margens, algo que pudesse levar comigo no dia seguinte a minha formatura. Precisava trabalhar nesta defesa com um pé na sala de aula e outro na sala de ensaio. Encontrei na professora Luci Collin mais que uma orientadora: como diria o Karam, encontrei uma cúmplice para minha investigação.

Encarei o abismo. Mas não me joguei nele sozinha porque não sou louca. Me joguei nele, de mãos dadas com Nadja Naira e Luci Collin. Meses escrevendo e trabalhando na sala do fotograma 2. Sala onde vi aquele diretor de teatro falar de Deleuze. Uma mesa, janelões, uma araucária por entre os prédios do Largo da Ordem, testemunhando tudo.

"Um ator precisa *captar o real e dar*

*ao real um alto grau de intensidade (...)* parar com o fingimento."

Joel Pommerat, diretor e dramaturgo francês

"Não dissimular, não pousar, mas mostrar." Para o trabalho de conclusão de curso, escolhemos fragmentos para o roteiro do jogo de cena como este retirado do livro ainda inédito *Mesmas Coisas*: "é apenas o desenho feito pela sombra e chamado de maçoneta (...)" para elucidar o problema filosófico que Karam apontava em sua obra. Esta foi a maneira pela qual o autor descrevia o seu trajeto literário. Coloquei-me diante da banca como palavra em ação, encenei o nascimento e a morte do gesto, o percurso de um escritor dentro da linha temporal de uma apresentação de 30 minutos repleto de devires. Coloquei tudo que era até aquele momento e toda bagagem que tinha à disposição desta pesquisa e a levei até às últimas consequências.

\*

Epílogo – O trabalho de conclusão de curso foi apresentado em 2015 e teve nota máxima. Cresceu e foi abraçado por mais um bocado de gente. Em 2016 ganhou o edital de Lei Municipal de Incentivo à Cultura. Em 2017, virou jogo de cena com audiência, cantora, pianista e truques de mágica. Virou serenata, website, flashmob. [www.mesmascoisas.art.br](http://www.mesmascoisas.art.br)

*Mesmas Coisas* já está no mundo. Não o livro. O procedimento. Tornamo-nos reflexo do autor, eu e todo mundo envolvido no projeto *Mesmas Coisas*. Somos a fotografia e o espelho. Queremos continuar caminhando por onde Karam deixa a sua cartografia. Terminar algo para começar outra coisa logo em seguida. E assim caminha a humanidade. O projeto *Mesmas Coisas* neste momento (ou até que esta notícia envelheça) atende também pelo nome de Farra Vermelha ou obsessão ou dogma entalado na garganta. Fotografia fazendo papel de relógio. Guarda chuva fazendo papel de bengala. Lata de lixo fazendo papel de saída. Extintor de incêndio. Ventilador. Coleção. Calendário. Dicionário. Labirinto com uma experiência em cada esquina.

# 2016, a música eletrônica e euzinha

## Priscila Lira

Meu parceiro de loonga data, o Diego Mazzitelli, produtor musical e DJ, no ano passado, me solicitou auxílio para criar uma identidade textual do coletivo que ele faz parte, o Music Nerds (mN). Eles queriam um material que se aliasse ao visual, na divulgação de alguns de seus eventos. O mN me passava o nome da festa e eu viajava em cima, tentando criar alguma ligação entre os textos do mesmo evento, como foi no caso da Prelúdio e da Porno. O uso de muitos números, sinais gráficos, além de servirem para chamar atenção ao texto do evento, também serve para dar espaçamento entre os versos, porque a formatação das descrições do Facebook deixa o texto sempre corrido. Depois acabei usando, com moderação, em outras criações, uns numerozinhos. No caso do Pytuna, foi um release que escrevi para o lançamento de um EP do Diego. Ouvi e fui soltando palavras no Word. Saiu muita coisa relacionada ao que eu tava lendo naquele tempo, mas tudo bem superficial. Dele, roubei algumas expressões para outros projetos.

A impressão do público me preocupou muito nesses textos. São pessoas que não necessariamente têm o hábito de ler ou estão procurando literatura ao abrir a página de um evento de música eletrônica. Tentei criar sensações fáceis de capturar, em frases que não precisavam fazer total sentido na minha cabeça (depois elas acabam fazendo, o que me

assusta um pouco), sempre tomando cuidado pra não ficar poético demais, cult demais, intelectuellen demais, o que é divertido também. Foram exercícios interessantes, não sei se outros textos meus tiveram um alcance tão grande quanto esses. Além disso, essa tentativa de escrita freestyle, com alguma coerência entre os elementos no corpo do texto como um todo, seguida de muitas revisões, foi um método onde encontrei muita influência da minha vivência em festas como a Mamba Negra amor da minha vida, a Alcova e a Redoma (há muitas outras festas, raves acontecendo pelo Brasil, mas nem só de música eletrônica vive a escritora) e clubs, seja pela estrutura musical ou pela dança, que acabaram reverberando na história da minha vida mais do que podia imaginar.

Porém, como a maioria das mídias que te oferecem um público razoável, tem sempre um engessamento das possibilidades do texto, justamente pela preocupação de fazer ele cumprir seu papel de divulgação. Da necessidade de aproveitar melhor esse modo de criar que havia descoberto, mas sem preocupações extremas com a recepção, nasceu a Xirley, eu-lírico do meu próximo livro. Abaixo, segue a compilação desses textos: duas descrições para a festa Prelúdio, o release do EP Pytuna, um poema-descrição do coletivo e a descrição da festa Porno e Ufoporno. Nas últimas duas, também participei da curadoria visual e como artista visual.

### Prelúdio I

0010010211001201200100212descanso-pré-11200020022200011  
01010101020200001000reconstrução01111200020022200011010  
1010102022-----corte10220dos  
legumes\_\_\_\_\_para preparação da nova sopa cósmica--  
-----21111000101012011202021111000101012  
011202022011002111112010200122011100101201ANÚNCIO  
DAÚLTIMATEMPESTADE2111100010101202200concentração  
de energias para um fim tranquilo

### Prelúdio II

xxxxxentrexoxxpuloxxxdoxxxabismoxxx  
xxxxexaxxreconstrucaoxdoxcorpoxxxxxxxxxx  
emxchoquexxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx  
xxxbolsadexxsanguevaloresxxxxxxxxxxxxx  
xrumoxxaosxxxsolo/xxxxxxxxxxxxxxxxxxx  
xxxxxxxxtoxicxxxxxxxxxparaquedasxxxx  
xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx  
xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx  
haxliberdadequedalivrexxxxxxxxxxxxxxxxx  
xxxxxxxxgozoxdoxinevitavelxxxxxxxxxxx  
xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx  
xxxxxxxxdançadainerciaxxxxxmetamorfica

### Pytuna

É preta a origem do batuque da noite. O olhar se acostuma aos tambores e no fundo de tudo o brilho persiste a enganar a visão e exibir seu pingado branco que nada mostra. Mostra o som sem origem, mostra o movimento dos bichos pela terra, urrando, intuindo o ritmo do mundo. O mundo treme, no meio-fio, entre postes de luz, as folhas tremem-fantasmas, escondidas na fumaça das engrenagens, até o fim.

### Music Nerds

o som  
das cinzas da técnica\_\_\_\_\_emerge  
e  
v\_b\_a  
i r a—nos—corpos—engrenagem

metamorfoseando

oaçoemdança

### Porno

6969696969696966KTIA69FIRE696969696969

Kátia olhou sua bunda no espelho, o tronco virado, formando dobrinhas na cintura, pescoço esticado, olhos esbugalhados tentando alcançar toda a largura. O maiô prateado maravilhoso, o fio dental exatamente como pediu da costureira. Deixava a

mostra a tatuagem feita após o velório do marido, empresário. Vendeu todas as ações depois.

O tarô online: imperatriz. Tão frio, todos tão caretas, queria sair só de maiô e salto 15. Reinara na sexta-feira. Os presentes no happy-hour ao som de Taylor Swift vestidos e extaseados, se divertindo. Suspirou, abriu os olhos. Pagou a comanda, caríssima. Rainha, em algum lugar precisava existir de verdade. Comprou beca e doce do aleatório que encontrou na rua e perguntou onde estava o inferninho mais gostoso daquela noite: Cats Curitiba. Acendeu o cigarro e repartiu com umas pessoas que conheceu, tomou o doce e chamou um carro. Não imaginava que a droguinha bateria tão cedo, começou a gargalhar ao lado do motorista e antes que descesse na buatchy, já estava sem a saia midi.

A mulher, muito roxo, pratas, espelhos, caralhos de asas, se transportou para um mundo pornoscodélico, canabilibidinoso. Entre ursos de pelúcia ambulantes, peles, bundas, mamilos, barrigas e um emaranhado de corpos dançando como um bolo vivo de pessoas, encontrou seu reino. Saiu para se olhar no espelho, não queria que o rostinho derretesse junto com a cabeça, esbarrou com uma jaula e um homem chupava a cinta caralha de sua parceira. E com a esperança de respirar da viagem de entrar naquele lugar, deu de cara com o banheiro transformado em um caos de corpos semoventes batendo em seus ouvidos e agora, sim, percebeu que a pira estava completa. Dançou, deixou o rosto derreter, sentia cada movimento seu naquele lugar como uma viagem intergaláctica.

Subiu em um andaime, a música que tocava vibrava a caixa torácica e reverberava pelo corpo, possuída por tudo. Dançou, gritou, bateu palma com a bunda, balançou os braços, queria sair do corpo. Voltou à pista, convulsionou de amor pelo mundo. Virou o recheio do sanduíche entre duas mulheres que a levaram embora depois de brincarem no darkroom.

Na cama, ainda sentia a festa bater infinita, infinitamente. Mas as paredes, brancas, queriam seus olhos voltados para os quatro mamilos que a observavam, para as quatro pernas que se entrançavam nas suas duas, para as mãos que exploravam seu matagal, para as cores que explodiam nos olhos fechados e as veias que pulsavam no caralho que sentia sua flor de zíaco. Encharcaram a cama, gargalharam, se esfregaram, dormiram. No dia seguinte, ordenou que as duas avisassem-na de mais rolês como aquele. Kátia chegou em casa, tomilho se bronzeava no sofá, encheu o maiô

de pelos e acompanhou o bicho.

9696969696969696969696969696969696

Porno é a festa da sensualidade sem censura. Performances, instalações e batidão do vampire techno ao minimal romeno, na atmosfera de luxúria da famosa Cat's.

1101001010101NOCENTRO101010111100100

Corpinhos semoventes sem vergonha. Remoção do olhar das paredes de concreto, secas. Vale-transporte para o mundo dos sentidos, molhadinho. Pela sexualidade despudorada da real life. Tira a calça jeans bota o fio-dental, exista sem pudor, goze o mundo sem vergonha e saia da matrix da distribuição em massa de punhetas e siriricas.

### UfoPorno

Azia no peito. Remorso. Kátia entrou em uma bolha de indecisões e sentimentos que a impediam de tocar outro corpo. A bofetada da lembrança do marido defunto a empurrou de volta pro buraco. Aquela vida ali, de boneca de vidro, nunca mais. O rosto dele virou uma coisa pavorosa, trancava todos os músculos. Tinha a impressão que, do além, o morto viria castigá-la e isso se alternava em sua cabeça às lembranças daquele clitóris macio roçando na língua e tinha vontade de jogar o cérebro na lata de lixo. Nada se respondia. Kátia vagava sem conceber a ideia de contar às irmãs, ou mesmo à filha, já assustadas com o lifestyle pós-velório, sobre suas novas experiências sexuais. Estava sozinha, vibrando entre duas portas. Começou a ler A Cabana, Eram os deuses astronautas? e Uma vida com propósitos OLIVROQUESALVOU ONADADOR MICHEL EHLPSDADE PRESSAO.

Fugiu das mulheres que conheceu na Cat's. Pensava nelas sempre, quase se masturbava, mas sentia medo. Elas sempre contavam por onde estariam, disse para si mesma que lá, no mesmo lugar em que caiu na correnteza, encontraria, de um jeito ou de outro a resposta. Estava saturada. Mas não conseguia enxergar dois palmos à sua frente. Naquele dia, queria passar invisível, olhar os corpos, entender seu movimento, tocar com cuidado, desmontar o quebra-cabeça.

Entrou totalmente aérea e sorriu. Finalmente, leve, desistiu do plano. Se esfregando, ainda reconhecendo e absorvendo aquela atmosfera, algo a umedecia e tornava o tempo mais fluido, foi dançar. No escuro tudo perdia o sentido, ali a memória falhava e seu corpo pulsava independente, desgarrado, bastardo. Fechou os olhos. Aquelas imagens faziam suas pernas tremerem, a luz, a falta de luz, deixavam-na num estado mole. Sentia que tinha sido capturada por um espaço que não parecia passado nem futuro. Um mundo que queria tocar e que estava sussurrando em seu ouvido.

Foi até o banheiro e trocou meias palavras zonzas, ouviu gemidos distorcidos vindos do além, descobriu cortinas que cobriam seus olhos. Ao ser completamente sugada pelas caixas de som, \*\*\*\*\*K\_tiaf-ire\*\*\*\*\* subiu na jaula alienígena e largou os sapatos e a roupa no chão, enfiava e esfregava a bunda entre as grades e sentia o cabelo balançar entre os lados do seu rosto, amolecia. Fechou os olhos e, de repente, tinha sido transportada até uma superfície roxa e musgo de um ser que não conseguia distinguir, seduzia a visão ao ponto da mulher não conseguir se mover. A matéria amorfa ia, lentamente, moldando um homem magro e distorcido, vestindo um collant justo e escuro, com traços transversais. Aquele quase corpo olhava fixamente em seus olhos e dizia coisas que não conseguia ouvir, nem traduzir em palavras, entendia. Queria tocá-lo e, antes de mover os braços, ele se transformou em um homem gigante, assustador, arrotando fumaça e chorume, que desapareceu, dando lugar a uma mulher nua, um gif se metamorfoseando freneticamente em mil corpos femininos e seguia a enviar mensagens, entrando por um lugar da sua pele que não conseguia identificar.

Sentiu que todas aquelas formas atravessavam os ossos e arregalou os olhos numa mistura de susto e êxtase. Kátia percebeu que, sem se tocar, gozava no meio da pista. Começou a sentir um segundo ponto de prazer saindo do umbigo, de onde foi expelido um líquido roxo e gosmento que escorria pelo corpo e transformava sua pele em um couro plástico e brilhante da cor da gozada transmutadora não identificada.

Voltou a si, sorriu incrédula. Pensou que louca a vida. Se pariu em um mundo de outro mundo, não sabia como entraria no táxi daquela cor, ainda não sabia nada, o corpo leve. Enxergou que não tinha saída, o lado de fora agora era outro lugar e seduziria a motorista antes de ir almoçar com os familiares.

# Brasil, purgatório das almas

## Otto Maria Carpeaux

Iniciativa encetada em fins de 2014, o Projeto Carpeaux ([www.projetcarpeaux.com.br](http://www.projetcarpeaux.com.br)) reúne centenas de textos inéditos do crítico e historiador literário Otto Maria Carpeaux (Viena, 1900-Rio, 1978), dispersos em periódicos.

*APRESENTAÇÃO – QUE REFLEXOS teria o Brasil na imaginação estrangeira — em dias passados e atuais? Que função parece o Brasil exercer no mundo, como o deixam entrever obras literárias estrangeiras de grande valor? Que escritor nomeou e dominou o “caos” da terra brasileira? — Nas décadas de 40, 50 e 60, Otto Maria Carpeaux publicou versões de um mesmo ensaio, sobre os “reflexos do Brasil” (assunto desenvolvido em outros textos) — cujos trechos relevantes reproduzimos.*

### 1. “Reflexos do Brasil na imaginação dos estrangeiros”

“Embora aqueles ficcionistas [da Espanha, Holanda, Polônia, Hungria, Alemanha] não fossem capazes de retratar realisticamente o Brasil de dias passados, ainda valeria a pena estudar — nunca se fez isso — os reflexos do Brasil na imaginação dos estrangeiros ... . Atrás da deformação que constitui elemento formativo da criação literária, ainda se poderiam descobrir aspectos da realidade brasileira que escaparam aos observadores científicos, revelando-se porém a intuição do espíritos poéticos.” (déc. 1940)

### 2. Primeiros reflexos: Montaigne,

### Denis, Balzac

“Primeiro, a utopia do bom selvagem, baseada em relatos dos primeiros viajantes, e da qual o reflexo literário é um ensaio de Montaigne ... . O segundo reflexo foi a utopia da floresta virgem, paradisíaca, a exemplo da que Chateaubriand acreditava ter descoberto na América do Norte; o primeiro utopista, a esse respeito, foi Ferdinand Denis, ao qual devem muito os inícios do romantismo brasileiro. A terceira utopia foi a de um país de riquezas imensas e enriquecimento fácil: ... convém lembrar o personagem do barão Montés de Montejanos (já estudado por Paulo Rónai), no romance *Cousine Bette*, de Balzac ...” (déc. 1950)

### 3. Brasil, purgatório de poloneses e alemães

“Para os camponeses da Polônia e Hungria, [o Brasil fora vaga esperança] de liberdade e prosperidade. O monumento dessas esperanças é a epopéia *O senhor Balcer no Brasil*, da poetisa polonesa Maria Konopnicka. Sem dúvida, é a obra de maior valor poético que um estrangeiro jamais dedicou a este país. ... Mas não é um inferno, e sim purgatório. Já aparece assim na obra da poetisa polonesa, e outra vez no romance *Der Engelwirt* do alemão Emil Strauss [que] esteve no Brasil quando moço. Voltou desiludido. Cristalizou as suas experiências naquela história de um bom pequeno-burguês dos tempos calmos antes da primeira guerra mundial, procurando

... uma vida mais livre, talvez mais ‘poética’, sob outros céus, voltando depois, quebrado não, mas curado. Assim como não se quebraram os dorsos curvados dos camponeses poloneses da Konopnicka. E só em função de ‘cura’ têm importância, em todos esses ‘reflexos’ literários, a terra e a gente do Brasil.” (déc. 1940)

### 4. Enfim Machado de Assis vint

“O antídoto soberano contra aqueles otimismo e pessimismos exagerados e deformadores é uma obra que já é mais do que um ‘reflexo do Brasil’, uma Obra profundamente brasileira: a de Machado de Assis. Ele não acreditava na bondade do homo brasiliensis; mas em compensação revelou ... que todas as criaturas humanas são assim mesmo. Livre de qualquer preconceito ideológico, o grande cético humanizou a visão do Brasil. Reconciliou a arte e a realidade. Criou um país da ficção que, por ser imaginário, não é no entanto fictício e sim o produto mais real da atmosfera brasileira que nos envolve, profundamente humano mas já não sujeito à lei dos cemitérios ‘que se parecem’ em toda parte. Ali vive um Brasil da poesia que não se perde mais ...” (déc. 1940)

*Nota. O título “Brasil, purgatório das almas” foi elaborado para a publicação. — A “Apresentação”, rapidamente redigida e de caráter sugestivo, não reflete opiniões de Carpeaux nos ensaios. — Publicações futuras serão melhor abreviadas, como proposto pelo organizador.*